

## O LIVRO DE JONAS

(Roteiro de estudo para os domingos 5, 12, 19 e 26 de julho de 2009 na EBD da IBCU)

### INTRODUÇÃO:

O livro do profeta Jonas é um dos 12 livros proféticos menores, segundo a nossa habitual divisão dos livros do Velho Testamento. No entanto, a divisão da bíblia hebraica (VT) pelos israelitas é um pouco diferente. Eles a dividem em Lei, Profetas (Anteriores, Posteriores e os 12 Profetas) e Salmos (ou Outros Escritos), conforme citado por Jesus em Lc 24.44, quando se referiu às Escrituras como um todo, aludindo que d'Ele faziam referência. Nessa divisão, os Profetas não incluem alguns dos que nós consideramos como tais, como também incluem outros livros, que fazem parte da divisão que chamamos de históricos, como os livros de Samuel e Josué, entre outros.

Considerando nossa habitual divisão, verificamos que o livro de Jonas é o único entre os 12 cuja mensagem profética não é endereçada ao povo de Judá ou de Israel, e que se resume a poucas palavras de condenação dirigidas a um povo gentílico arquiinimigo dos hebreus (Jn 3.2 e Jn 3.4b). Além do mais, o conteúdo do livro é quase que exclusivamente a descrição da saga aventureira do profeta.

### Considerações textuais:

#### 1. Gênero Literário: História ou Parábola?

Argumentos em favor de parábola: A figura por demais excêntrica do profeta; A aventura do profeta, sem paralelo no VT; Uma terrível tempestade no mar, imediatamente acalmada com o lançamento do profeta desobediente ao mar; O período de três dias e três noites no ventre de um grande peixe; Uma planta que cresce em um dia para dar sombra ao profeta; O tamanho citado da cidade de Nínive, aparentemente muito maior do que as descobertas arqueológicas indicam; A citação de Jesus não implica, necessariamente, no reconhecimento da historicidade, mas sim no conteúdo da mensagem.

Argumentos em favor de história: A referência a Jonas como filho de Amitai (Jn 1.1), que encontra respaldo em 2Re 14.25; Ele viveu em Israel no reinado de Jeroboão II cerca de 785 a.C., tendo grande importância profética na época; O profeta

e o livro são amplamente conhecidos e citados na história e literatura do povo de Israel; Mt 12.39-41 e Lc 11.29-32 são registros de citações textuais de Jesus acerca da vida e missão de Jonas, para comparar com sua própria missão; Mais tarde, o historiador judeu Flávio Josefo, que viveu no século I d.C., incorpora a história de Jonas em sua História do Povo Judeu, com o argumento de que achou necessário registrar o que encontrou escrito nos livros hebraicos acerca desse profeta.

O reconhecimento de que Deus atuava, como ainda atua, de forma sobrenatural para cumprir seus propósitos na história da salvação, nos faz crer que o livro de Jonas registra sim, um fato histórico.

## 2. Autoria e Data.

Várias alternativas têm sido propostas pelos estudiosos acerca da data em que teria sido escrito o livro de Jonas. Essa data situa-se entre os anos 800 e 200 a.C.. Os que privilegiam datas mais recentes, séculos V a III a.C., consideram aspectos lingüísticos do texto para colocá-lo como sendo produzido no período pós-exílico. Embora a maioria dos autores modernos considere que o livro teria sido escrito no período pós-exílico, as referências textuais do próprio livro de Jonas e do segundo livro dos Reis fazem com que seja razoável atribuir os acontecimentos e respectivo registro, no período pré-exílico do século VIII a.C.. Vários outros livros proféticos, tais como Obadias, Naum e Habacuque, também não apresentam nenhum dado preciso com relação ao momento em que os acontecimentos registrados realmente se deram. Quanto à data, concordamos com a hipótese pré-exílica, ou seja, nos três primeiros quartos do século VIII a.C.. Quanto à autoria, no entanto, não há evidências que levem ou sugiram a sua identificação. Ou seja, autor desconhecido.

## 3. Propósito e Destinatários.

Mostrar que Deus não é indiferente à miséria humana.

Mostrar a possibilidade de arrependimento.

Mostrar a supremacia do caráter misericordioso de Deus.

Quanto aos destinatários, a nação de Israel (Reino do Norte), primordialmente, como que para prepará-los para o seu exílio que se aproximava (722 a.C.). Também o Reino do Sul, Judá, que foi levado cativo para a Babilônia quase 150 anos depois (586 a.C.).

4. Esboço do Livro.

- |  |           |
|--|-----------|
| - O Profeta desobediente   | Jn 1.1-17 |
| - Salmo de ação de graças por livramento                           | Jn 2.1-10 |
| - O constrangimento do Profeta e o<br>arrependimento dos ninivitas | Jn 3.1-10 |
| - A amargura do Profeta com a misericórdia<br>de Deus              | Jn 4.1-11 |

## O PROFETA DESOBEDIENTE

### Jonas capítulo 1

- 1- O Profeta: Jonas é identificado em Jn 1.1 como filho de Amitai, também profeta, tendo vivido durante o reinado de Jeroboão II, conforme 2Re 14.25. Era bem considerado como profeta, pois pela sua palavra o Senhor falou acerca do restabelecimento de limites territoriais de Israel, o que se concretizou.
- 2- O Chamado: “*Dispõe-te, vai...*”(Jn 1.2). O desafio do chamado era complicado para Jonas, pelo fato de Nínive ser a capital do reino da Assíria, que considerava Israel (e também Judá) como estado vassalo. Uma representação dessa subserviência era o obelisco, em pedra negra (pode ser visto hoje no Museu Britânico, em Londres), que documentava as vitórias do rei assírio Salmaneser III (859-823 a.C.), onde aparece Jeú, rei de Israel (2Re 9 e 10), pagando tributo (provavelmente para tentar evitar uma invasão assíria). Nos dias de Jeú também, os limites de Israel foram diminuídos através da ação direta de Hazael, rei da Síria, após ter sido derrotado pelos assírios (2Re 10.32). Jonas tinha conhecimento de tudo isso, e era participante direto desse contexto conturbado. A razão divina para o chamado de Jonas, expressa no mesmo verso 2, é a mesma quando Deus se referiu a Sodoma e Gomorra, conforme Gn 18.20 e 21. A ‘malícia’ citada no verso 2, é semelhante ao pecado de Sodoma e Gomorra, e pode ser ampliada e especificada como: *homossexualismo, injustiça, adultério, mentira, incitamento à maldade, orgulho, vida fácil, despreocupação com os pobres*, conforme os textos de: Is 1.10-17; Is 3.9; Jr 23.14; Ez 16.49; Gn 19.5. Diante de todo esse panorama, bem conhecido de Jonas, não era razoável levar nenhuma mensagem de Deus como alerta àquele povo terrível. Melhor seria aguardar a sentença de Deus, a mesma que veio sobre Sodoma e Gomorra: Uma bem-vinda destruição! Então “*Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do SENHOR,...*”(Jn 1.3).

3- A ideologia: Por um lado Deus requeria a disposição de Jonas para ir à Nínive. De outro lado, Jonas efetivou sua disposição em desenvolver um projeto alternativo bem elaborado, mas completamente diferente do que Deus havia requerido dele: “*Jonas se dispôs,..*” (Jn 1.3a). A sua ideologia excessivamente nacionalista e xenófoba, como a da maioria do povo de Israel de seu tempo, fez com que se iniciasse na vida de Jonas uma sequência de movimentos descendentes que culminaram no fundo dos “...*fundamentos dos montes*,” (Jn 2.6): Desceu a Jope, desceu ao porto, desceu ao porão do navio, mergulhou em sono profundo, desceu às profundezas do mar....Em todo esse processo descendente, o seu projeto se mostrava mais glamouroso e aceitável do que o enfrentamento da dura realidade de ir a Nínive, embora não fosse fácil, tranquilo nem barato. Investiu tudo nele, assumindo plenamente o comando de sua vida. Társis era como um *eldorado*. Situada, provavelmente, no extremo oeste do mar mediterrâneo, na costa sul da atual Espanha, representava o sonho de uma aventura maravilhosa, um lugar exótico, com o encanto do desconhecido. Nas referências bíblicas que mencionam Társis, destacamos 1Re 10.22 que relata as idas da frota de Salomão a Társis, para trazer ouro, prata, marfim, macacos e pavões. Um lugar assim era muito mais atrativo do que a problemática Nínive, e garantia, na ilusão de Jonas, uma distância ‘segura’ da presença de Deus.

4- A missão de Jonas fugindo. Jonas foge a partir do porto de Jope, mesmo lugar, onde cerca de oitocentos anos depois o apóstolo Pedro tenta fugir do chamado de Deus para evangelizar os gentios, ocasião em que sua xenofobia em relação a eles é mudada por Deus. Em Atos 10 lemos o relato dessa experiência, que revela muitos paralelos entre Jonas e Pedro: Ambos eram judeus; ambos tinham preconceito forte contra os gentios; Foi em Jope que teve o início da fuga de Jonas e também o início da mudança de Pedro; De lá Jonas tentou ir para Társis e acabou no ventre de um grande peixe, depois de, involuntariamente, ter sido instrumento da conversão dos marinheiros, enquanto que Pedro foi para Cesaréia onde iniciou a evangelização dos gentios com a conversão do centurião Cornélio. Apesar da disposição e da decisão equivocadas de Jonas, temos aqui mais uma evidência de que os

propósitos e desígnios de Deus não podem ser frustrados. A repentina tempestade fortíssima, fez com que a rotina daquela viagem que se iniciava, fosse totalmente transtornada: Medo e desespero de marinheiros experientes; Navio a ponto de se despedaçar; Lançamento ao mar da carga do navio; As providências mostrando-se insuficientes para solucionar o problema; Apelo ao sobrenatural; Verificação, por parte dos marinheiros atônicos, de que em meio a tudo aquilo, alguém pudesse estar dormindo profundamente no porão do navio(Jn 1.4 e 5). O sono profundo de Jonas é descrito da mesma forma que o sono pesado que Deus fez cair sobre Adão para extrair-lhe a costela com que formou Eva (Gn 2.21). Sua missão fugindo, começou com um sono profundo, sinal de seu desejo de estar absolutamente alheio ao passado. Queria virar a página, passar uma borracha. Só queria que lhe acordassem em Társis: Vida nova, tudo novo! Foi quando ele percebeu que as coisas não estavam dando tão certo como ele desejaria. Provavelmente ele tinha se esquecido do Salmo 139, especialmente dos versos 7 a 10. As perguntas do comandante do navio a Jonas começaram a trazê-lo de volta a realidade e a confrontá-lo com a enormidade do seu desatino, tentando fugir de Deus (Jn 1.6). Quando Jonas cai em si, após ter sido apontado como responsável por tudo aquilo, perguntado pela tripulação, ele faz a primeira proclamação acerca de Deus e de sua relação com Ele. Um 'sermão' de 17 palavras foi suficiente para provocar o início da transformação das vidas dos marinheiros! A partir daí vemos aqueles homens tentando encontrar saídas para a situação, mas reconhecendo agora, pelas próprias declarações de Jonas, que não tinham muitas alternativas. A segunda proclamação de Jonas na sua missão em fuga revela um sentimento de frustração e derrota, reconhecendo que para ele não tinha mais saída, era o fim, e plenamente merecido. Em resposta ao segundo e último 'sermão' de Jonas na missão em fuga, agora com 22 palavras, os marinheiros tiveram suas vidas plenamente transformadas, como fica claro pelas atitudes deles em oração, ação e adoração (Jn 1.11 a 16).

- 5- Novo começo. A obstinação de Jonas era tal que, aparentemente, ele não considerou a hipótese de confissão de pecado, arrependimento e disposição de obedecer, se dispondo, enfim, a ir a Nínive cumprir a

missão que Deus lhe havia confiado. Creio que se Jonas tivesse tido essa atitude, Deus haveria de fazer cessar a fúria do mar, sem ter havido a necessidade dos marinheiros lançarem-no ao mar. Mas isso são apenas hipóteses e conjecturas. O fato é que, o que para Jonas era o fim de tudo, para Deus era a oportunidade de recomeço. Jonas tinha dificuldades de lidar com a misericórdia de Deus, por isso a maneira que Deus usou para tentar fazê-lo compreender, foi a mais dura possível. O que para Jonas era o fim de tudo, com afogamento e morte cruel, para Deus foi a oportunidade de prover livramento e salvação de forma extraordinária. O verso 17 do capítulo 1 do livro de Jonas é citado por Jesus como o sinal a ser comparado com Sua morte e ressurreição (Mt 12.38-41; Mt 16.1-4; Lc 11.29-32). É impressionante como Jesus se compara a Jonas, afirmando que assim como Jonas foi para os ninivitas ele o seria para aquela geração: A manifestação da salvação.

Não há dúvida de que Jonas tinha convicção pessoal de seu chamado, tanto quanto o reconhecimento por parte do povo (2Re 14.24 e Jn 1.1). O perigo resultante da convicção de chamado, do reconhecimento do povo e da experiência profética, foi sua atitude de auto-determinação! Daí:

- 1- Assume o controle do chamado. Racionaliza; Leva em conta somente circunstâncias históricas e políticas; Sucumbe a novas perspectivas; Cansa-se dos problemas. Verso 3.
- 2- Alheia-se às consequências. Passa a ter outras prioridades; Planos alternativos; Maiores desafios; Longe da face do Senhor. Versos 4 e 5.
- 3- Alertado pelo mundo (confrontado pelas ‘pedras’). Anestesiado; Alheio aos acontecimentos; Voltado apenas para seus interesses; Indiferente ao que ocorria em volta; Teve de ouvir o que não queria de quem não esperava. Versos 6, 7 e 8.
- 4- Indagado, reafirma seu chamado. Apesar de tudo, encontramos aqui Jonas convicto, consciente e professando seu Deus. Verso 9.
- 5- Disposto a abortar sua ‘missão’. Consciente do desvio dispôs-se a reconsiderar seu destino, considerando até

encerrar sua caminhada; Encontra-se num ‘beco sem saída’; ‘Não dá mais’. Verso 12

- 6- Impactado pelos resultados. Sua desobediência, associada ao reconhecimento do desvio de um chamado inequívoco, fez com que resultados surpreendentes fossem alcançados, e vistos por ele. Versos 13 a 16.
- 7- Surpreso, começa a experimentar a misericórdia de Deus. No ventre do grande peixe, face a face com o Senhor. Verso 17.